



AUROUX, S. A revolução tecnológica da gramatização. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. 134 p.

Mariângela Peccioli Galli JOANILHO
Universidade Estadual de Londrina

S. Auroux e a Constituição de um Saber sobre a Linguagem

Se a linguagem é e tem história, encontramos na base da constituição do saber lingüístico um caráter empírico e técnico, desenvolvido desde um ponto de vista histórico. Considerar esta dimensão do processo é o propósito de Auroux (1992)¹. Sua obra está dividida em três grandes partes, a saber:

- I. O nascimento das metalinguagens;
- II. O fato da gramatização;
- III. O conceito de gramatização.

Em nossa compreensão, esta divisão pontua dois momentos da constituição de um saber lingüístico-tecnológico sobre a escrita, que são configurados a partir das teses sustentadas pelo autor:

Tese 1: "...a escrita é um dos fatores necessários ao aparecimento das ciências da linguagem..."

Tese 2: o "processo de gramatização mudou profundamente a ecologia da comunicação humana e deu ao Ocidente um meio de conhecimento-dominação sobre as outras culturas do planeta."²

¹ O título da obra em francês é *La Revolution Technologique de la rammatisation* e a tradução é de Eni Puccinelli Orlandi, publicada pela Editora da UNICAMP.

² A primeira tese está enunciada na página 2 e, a segunda, entre as páginas 8 e 9 da obra em questão.

O primeiro capítulo do livro tratará dessa primeira tese e os dois últimos abordarão a segunda. Esta tese constitui o que o autor chama de “revolução tecnológica da gramatização”, em suas palavras: “tão importante para a história da humanidade quanto a revolução agrária do Neolítico ou a Revolução Industrial do século XIX.”³

De nossa parte, compreendemos que a questão fundamental de Aurox é tratar de mostrar a constituição do saber lingüístico, como realidade histórica, processo de dominação, que se faz, fundamentalmente, pelo trabalho de missionários “(ou exploradores, ou, atualmente, os lingüistas)”.⁴

Trabalhar essa espessura histórica da constituição de um saber sobre a linguagem é organizar, (re)construir o passado, pois “sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber.” Assim, são também duas as questões para as quais o autor buscará respostas no decorrer de sua obra:

Questão 1: “sob que formas se constitui, no tempo, o saber lingüístico”?

Questão 2: “como essas formas se criam, evoluem, se transformam, desaparecem”?⁵

Nosso objetivo seria mostrar quais conceitos e descrições operam na construção desse dispositivo teórico sobre a história das representações lingüísticas proposto por Aurox. Na tentativa de compreender a constituição desse movimento, propomos uma (outra) questão: Em termos gerais, o que é gramatização.

A resposta a esta pergunta não é pontual e nem se encontra de maneira imediata no texto em foco. Começemos por dizer que, para o autor, existem dois instrumentos de gramatização, a gramática e o dicionário:

Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje, os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário.⁶

³ Idem, p. 9.

⁴ Idem, p. 74.

⁵ Idem, p. 13.

⁶ A revolução tecnológica da gramatização, op. cit., p. 65.

A gramatização se faz, então, por revoluções-rupturas. Nossa proposição de partida será: “Para a história das representações lingüísticas, o limiar da escrita é fundamental.”⁷

Assim, nos termos do autor, o advento da escrita no terceiro milênio antes da nossa era constitui a primeira revolução técnico-lingüística e, a gramatização massiva das línguas do mundo a partir da tradição greco-latina, a segunda, que, só terminará no século XX e, criará, como propõe Auroux, “uma rede homogênea de comunicação centrada inicialmente na Europa.”⁸

Interessa-nos compreender como o autor formula, na constituição dos sentidos desta revolução tecnológica da gramatização, seus dizeres sobre o que sejam a(s) ciência(s) (da linguagem), a linguagem, o sujeito e a história, pois de seus dizeres surgiram redes de filiações de sentidos, criadoras de condições de observação de regularidades e diferenças importantes no tratamento e uso das línguas.

Cada noção desta merece agora uma definição.

Ciência

Podemos recuperar a noção de ciência em diversas passagens de seu texto, notadamente nos dois primeiros capítulos. Partamos de uma noção ampla: “É às ciências da linguagem que devemos a primeira revolução científica do mundo moderno”⁹. Deste modo definida, seria equivalente ao que Auroux propõe nas páginas iniciais, em suas relações com o tempo e a história das línguas:

[...] não faz parte de nosso papel dizer se isto é mais ciência do que aquilo, mesmo se nos acontecer de sustentar que isto ou aquilo é concebido como ciência, por esta ou por aquela razão, segundo este ou aquele critério em outras palavras, ciência pode ser uma palavra normativa de nossa linguagem-objeto, mas em nossa metalinguagem será apenas uma palavra descritiva.¹⁰

⁷ Idem, p. 18.

⁸ Idem, p. 35.

⁹ Idem, p. 35.

¹⁰ Idem, p. 14.

E a constituição dessa metalinguagem acontece em suas relações com a história, pois, para o autor, o saber é um produto histórico que precisa ser tratado como realidade histórica. Fazer ciência da linguagem é reconhecer necessária e freqüentemente a dimensão histórica de constituição e funcionamento da linguagem. E trabalhar (n)esta realidade.

É isso que faz com que desde o ponto de vista teórico e epistemológico, dentro da categoria de trabalhos dedicados à história dos conhecimentos lingüísticos, o trabalho do autor tenha papel fundador.

Linguagem

A compreensão do conceito de ciência como realidade histórica traz conseqüências interessantes para os estudos da linguagem, uma delas se delinea a partir da própria compreensão do que seja a linguagem. Em suas palavras: "Seja a linguagem humana, tal como ela se realizou na diversidade das línguas; saberes se constituíram a seu respeito; este é o nosso objeto".¹¹

A linguagem pode-se explicar, então, cientificamente, na base das descrições e representações da construção do saber lingüístico em suas relações com os saberes sociais desde um ponto de vista histórico.

E essa compreensão sobre a natureza e o funcionamento da linguagem se faz, conforme o autor, pelo processo mesmo de gramatização das línguas.

Sujeito

Mas o que faz deslanchar verdadeiramente a reflexão lingüística é a alteridade, considerada essencialmente do ponto de vista da escrita. [...] o florescimento do saber lingüístico tem sua fonte no fato de que a escrita, fixando a linguagem, objetiva a alteridade e a coloca diante do sujeito como um fato a resolver."¹²

¹¹ Auroux, 1992, p. 13. Esta afirmação encontra-se já grafada em itálico no original.

¹² Idem, p. 22 e 23.

A alteridade, esse (re)conhecimento da presença do outro na e pela linguagem acontece, inicialmente, a partir de um estatuto filológico e lexicográfico, pois:

... pode provir da antigüidade de um texto canônico, de palavras ou textos estrangeiros que é preciso transcrever. Pode igualmente provir de uma mudança de estatuto do texto escrito, quando na virada do século V, na Grécia, este último deixa de ser um simples suporte mnemônico do oral para se tornar o objeto de uma verdadeira leitura: vai ser preciso, a partir de então, decifrar textos desconhecidos (antes se conhecia de cor os textos que se liam).¹³

História

O historicismo aparece em Auroux como modo de compreensão e tratamento dos fenômenos e noções que foram enumerados. Fundamentalmente, é um modo consistente de compreender a constituição dos saberes sobre a linguagem, que coloca o real da história nos estudos da língua(gem).

Esse real da história se define e se reforça a partir do que o autor circunscreve sobre a compreensão da natureza das práticas e dos saberes sociais na constituição dos saberes lingüísticos:

As causas que agem sobre o desenvolvimento dos saberes lingüísticos são extremamente complexas. Pode-se notar conjuntamente: a administração dos grandes Estados, a literalização dos idiomas e sua relação com a identidade nacional, a expansão colonial, o proselitismo religioso, as viagens, o comércio, os contactos entre línguas, ou o desenvolvimento dos conhecimentos conexos como a medicina, a anatomia ou a psicologia.¹⁴

Neste sentido, dar operatoriedade, em lingüística, a estas considerações de Auroux, significa trazer a história para os estudos da linguagem, não de maneira automática e imediata, mas apontando para

¹³ Idem, p. 22.

¹⁴ Idem, p. 28.

uma compreensão dos saberes sobre a língua, sem que a linguagem seja reduzida meramente a um meio de expressão de uma estrutura global das relações sociais e sim, como realidade histórica, memória discursiva, acontecimento lingüístico.